

Educação superior no âmbito do BRICS: aspiração à excelência?

Higher education in BRICS: aspiration for excellence?

Lara Carlette Thiengo¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

laracarlette@gmail.com

Lucídio Bianchetti²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br

RESUMO: Neste artigo, que é parte de tese de doutorado, tem-se como objetivo analisar as proposições do BRICS, grupo de países formado por Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul, em matéria de projetos endereçados à educação superior, tendo como enfoque a criação da *BRICS Network University (BRICS NU)*, lançada em 2015. Para isso, em termos metodológicos, foram utilizados o levantamento bibliográfico e de dados e a análise documental, considerando-se as fontes oficiais da *BRICS NU*, dos países membros e da Unesco. Partiu-se da hipótese de que a disseminação de Iniciativas de Excelência como esta indica que vem sendo produzido um consenso acerca de um modelo de excelência acadêmica e científica, traduzido pela concepção de Universidade de Classe Mundial (UCM). Nessa perspectiva a *BRICS NU* expressaria, pois, o mais significativo ‘avanço’ deste Grupo no ‘mercado’ internacional da educação superior.

Palavras-chave: BRICS; Universidade de Classe Mundial; Iniciativas de Excelência.

ABSTRACT: In this article, which is part of a doctoral thesis, the organization and proposals of BRICS, a group of countries formed by Brazil, Russia, China, India and South Africa, are analyzed, with regard to the construction of Initiatives of Excellence in the scope of higher education, focusing on the creation of BRICS Network University (*BRICS NU*), launched in 2015. For this, in methodological terms, a bibliographical data survey and documentary analysis were used. Therefore, it was

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – Campus Diamantina. Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do CNPq, Nível 1A.

assumed that the dissemination of Initiatives to this end within countries, groups and blocks indicates that a consensus has been produced about a model of academic and scientific excellence, translated by the conception of World-Class University (UCM). *BRICS NU* expresses, therefore, the most significant 'advance' of this Group in the international 'market' of higher education.

Keywords: BRICS; World-Class University; Initiatives of Excellence

INTRODUÇÃO

A fim de acelerar o processo de transformação dos sistemas de educação superior e a competitividade dos países no cenário global, vários governos³ vêm lançando as chamadas 'Iniciativas de Excelência'. O objetivo destas iniciativas, de modo geral, é alcançar o *status* de Universidade de Classe Mundial (UCM), concepção que vem sendo difundida pelos Organismos Internacionais (OI), especialmente o Banco Mundial (BM) e seus especialistas (Thiengo, 2018). Convergente à concepção de UCM, estas iniciativas têm como características centrais: o incremento da internacionalização da educação superior (ES), a concentração de recursos em instituições ou áreas temáticas e formas de gestão mais flexíveis. Agrega-se a isso o objetivo de fazer com que as universidades alcancem melhores colocações nos *rankings* internacionais (Salmi, 2009; Altbach; Salmi, 2011; OCDE, 2014).

Apesar de ser este um movimento global, as particularidades de cada uma dessas 'iniciativas' precisam ser consideradas, motivo pelo qual, neste artigo, elegeu-se como objetivo analisar as proposições do BRICS em matéria de projetos endereçados à educação superior, tendo como enfoque a criação da *BRICS Network University (BRICS NU)* traduzido como Universidade em Rede do BRICS.

Para isso, em termos metodológicos, foram utilizados o levantamento bibliográfico e de dados e a análise documental, considerando-se os documentos dos OIs e as fontes oficiais da *BRICS NU* e dos países membros.

No cotejo teórico-empírico, então, buscou-se relacionar a especificidade do objeto de pesquisa com a totalidade da qual ele é parte constitutiva, considerando-se que os processos se constituem de contradições, constantes movimentos e transformações, relações e inter-relações na construção da totalidade (Frigotto, 1991).

Sendo assim, o artigo foi organizado em quatro itens, além da introdução (1), nos quais se buscou apresentar: 2) o contexto de emergência e a caracterização do grupo (BRICS), a fim de dirimir algumas questões de fundo, assim como o lugar ocupado pelo grupo na geopolítica global e, desse modo, os delineamentos das iniciativas que convergem com a perspectiva de organizar universidades de 'Classe Mundial'; 3) a forma como a educação superior, a ciência e a tecnologia foram tratadas nas cúpulas ministeriais do Grupo; 4) a criação e as principais características da *BRICS NU*, considerando-se os núcleos centrais, as formas de articulação, os objetivos e limites; e 5) nas considerações finais, buscou-se sintetizar este movimento em 'grupo' e os seus significados para os países que compõem o BRICS.

³ Principalmente europeus, do Leste asiático e, mais recentemente, da África e da América Latina, bem como Blocos, como a União Europeia (UE) e Grupos, a exemplo do BRICS (Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul).

CONTEXTO DE EMERGÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO

O termo BRIC⁴ foi criado em 2001, pelo economista Jim O'Neill, do Banco *Goldman Sachs*, como uma categoria de investimento em mercados emergentes, baseado no entendimento de que a hegemonia econômica dos países ocidentais seria desafiada por novas potências: Brasil, Rússia, Índia e China.

De acordo com Jesus (2013), a análise de Jim O'Neill à época indicava que o crescimento do PIB das maiores economias de mercado emergente excederia o do grupo das sete economias mais avançadas do mundo – o G7. Desse modo, a divulgação das projeções do *Goldman Sachs*, além de provocar ampla repercussão na imprensa e de ensejar o desenvolvimento de estudos acadêmicos acerca do tema, motivou uma série de encontros entre ministros e líderes dos países do BRIC.

Apenas em 2006 o acrônimo BRIC passou a constituir uma nova entidade político-diplomática, a partir da criação de um agrupamento durante uma reunião entre os chanceleres dos quatro países, organizada à margem da LXI Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU). Em 2009, a África do Sul (no acrônimo, *South Africa*) passou a compor o grupo, que a partir de então é chamado de BRICS.

É importante considerar que os países do Grupo reúnem mais de 40% da população mundial e detêm quase um quarto da economia global, ainda que ele se caracterize como uma coalizão global que não inclui as potências estabelecidas.

De acordo com Fontes (2015), na atual conjuntura, o BRICS representa o conjunto dos principais países para os quais o Investimento Externo Direto (IED)⁵ vem sendo direcionado, de modo a sustentar diferentes graus de associação com empresas (em particular as indústrias) dos países mais avançados. Isto é, ocorre o deslocamento de uma parte importante das indústrias dos países que compõem o eixo dinâmico do capital para os países do BRICS, com o objetivo de aproveitar os baixos salários pagos aos trabalhadores, a existência de matérias-primas fartas e baratas e seus amplos mercados de consumo (Fontes, 2015).

Tendo-se em vista as considerações aqui esboçadas, compreende-se que o lugar da educação para consolidação/fortalecimento do BRICS, especialmente o da ES, dá-se a partir de algumas características centrais, a saber: a criação de uma 'identidade' para um Grupo formado por países tão distintos; a constituição/ampliação de um mercado organizado para mobilidade acadêmica entre os países membros; a possibilidade de ampliar as relações com outros países e blocos tendo em vista a formação de parcerias e redes de cooperação; a promoção da adequação/qualificação da força de trabalho para o atual estágio de desenvolvimento das relações capitalistas.

⁴ O 'S', que no acrônimo representa a África do Sul, foi agregado posteriormente.

⁵ Tendo em conta o processo de mundialização do capital no regime de predominância financeira, que ocorreu especialmente a partir da década de 1980, o IED contribuiu para a aceleração do desenvolvimento do capitalismo nos países para os quais se dirigiu, exigindo-lhes a criação de infraestrutura e plataformas adequadas, tais como portos e aeroportos, bem como força de trabalho qualificada (educação).

EDUCAÇÃO SUPERIOR, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NAS CÚPULAS E REUNIÕES MINISTERIAIS DO BRICS

Embora o primeiro encontro de oficiais seniores na área de ciência e tecnologia do BRICS tenha ocorrido em 2011, somente em 2014 realizou-se o *1º Encontro Ministerial de CT&I do BRICS*, na Cidade do Cabo (África do Sul), ocasião em que o Grupo aprovou a *Declaração da Cidade do Cabo* e foi discutido o *Memorando de Entendimento sobre a Cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação*, apresentando uma moldura estratégica para a cooperação em áreas prioritárias entre os países membros do BRICS.

No *2º Encontro Ministerial de CT&I do BRICS*, realizado em Brasília, em 2015, destacou-se o compartilhamento e o intercâmbio de informações sobre políticas e estratégias em ciência, tecnologia e inovação; o apoio aos contatos e programas voltados à ampliação de projetos colaborativos de inovação entre os países do BRICS; e a formulação de programas conjuntos de cooperação a longo prazo.

Também foi elaborado um Plano de Trabalho com a finalidade de assegurar o desenvolvimento da cooperação em CT&I mediante o lançamento de uma *Iniciativa de Pesquisa e Inovação do BRICS*, que conteria entre suas ações: (a) cooperação no contexto de grandes infraestruturas de pesquisa; (b) coordenação de programas nacionais de larga escala existentes nos países do BRICS; (c) estabelecimento de um programa-quadro para o financiamento de projetos multilaterais conjuntos de pesquisa, comercialização de tecnologia e inovação; e (d) estabelecimento de uma plataforma conjunta para formação de parcerias em pesquisa e inovação (BRICS, 2015a). Foi assinado, nessa ocasião, o *Memorando de Entendimento BRICS sobre Cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação* (BRICS, 2015c).

No que se refere especificamente à educação, a *I Reunião de Ministros de Educação* foi capitaneada pela Unesco, no decorrer do Fórum Mundial da Educação, em 2011. Nessa ocasião, foi firmado o compromisso de realizar uma consulta acerca da situação da educação em cada um dos países que compõem o BRICS.

Essa consulta está materializada no relatório *BRICS: Construir a Educação para o Futuro* (Unesco, 2014). No que se relaciona à ES, a publicação indica o desafio de criar centros de excelência, como podemos perceber no excerto a seguir:

Todos os cinco países consideram o desenvolvimento de sistemas de ensino superior mundialmente competitivos como prioridade número 1 para a consolidação da sua posição emergente. **Um desafio consiste em criar centros de excelência e, ao mesmo tempo, fornecer educação superior em larga escala.** (Unesco, 2014, p. 20, destaque nosso).

Durante a *II Reunião de Ministros de Educação*, realizada em Brasília, foi elaborado o documento *Declaração de Brasília* (BRICS, 2015d), que afirma o compromisso dos países em coordenar posições de interesse mútuo; definir diretrizes para a cooperação; e elaborar conjuntamente indicadores educacionais, com o objetivo de auxiliar o direcionamento de ações e as tomadas de decisão no âmbito do BRICS.

No que concerne à ES, foi proposta a criação de uma *Liga das Universidades do BRICS*, assim como a promoção de *network* entre as universidades. Uma discussão proeminente diz respeito à

internacionalização da pós-graduação (PG), com perspectivas de desenvolvimento de projetos conjuntos em áreas de interesse mútuo, acordando-se a nomeação de um responsável de cada país para centralização das atividades.

Com o avanço da discussão sobre a ES e a busca por atrair estudantes estrangeiros, no segundo semestre de 2015, durante o *Encontro dos Ministros da Educação em Moscou* (BRICS, 2015b), foi anunciada a criação de uma rede de intercâmbio de PG, a *Universidade em Rede do BRICS (BRICS NU)*.

Nesse mesmo período, também em Moscou, realizou-se um encontro entre os Ministros de Ciência e Tecnologia (BRICS, 2015e), durante o qual foi assinada a *Declaração Ministerial de Moscou* sobre as principais áreas de cooperação a médio prazo, o que demonstra a articulação entre as ações direcionadas para a ES e para a Ciência & Tecnologia no âmbito do BRICS.

A declaração prevê a criação de grupos de trabalho sobre a cooperação no âmbito das principais infraestruturas de investigação e sobre o financiamento de projetos conjuntos multilaterais através do *BRICS New Development Bank*. Nesta declaração também ganha destaque a criação de uma *Plataforma Conjunta de Pesquisa e Inovação* em redes, para a abordagem substantiva e coordenada das comunidades de pesquisa BRICS em áreas prioritárias de pesquisa e cooperação técnica.

Na *IV Reunião dos Ministros da Educação*, realizada em 2016, na Índia, além de reafirmarem as decisões estabelecidas nas conferências anteriores, as autoridades discutiram a articulação entre as áreas de interesse e o desenvolvimento do plano de trabalho para a cooperação entre os países do BRICS (BRICS, 2016). A relevância da *BRICS NU* foi reafirmada e incentivada, destacando-se o Programa como uma importante forma de compartilhamento de boas práticas e colaboração em educação, pesquisa e inovação.

No ano seguinte, no *V Encontro dos Ministros de Educação dos países do BRICS*, realizado em Beijing, na China, os participantes discutiram a cooperação na área educacional entre os cinco países membros, assinando a *Declaração de Beijing* (BRICS, 2017). De acordo com este documento, os países do BRICS continuarão apoiando a Educação a Distância (EaD) e a cooperação para desenvolvimento de pesquisas científicas e inovação.

UNIVERSIDADE EM REDE DO BRICS

A necessidade de formar centros de excelência e aumentar a cooperação entre os países do Grupo em termos de produção científica e de inovação são questões que vêm sendo discutidas ao longo das cúpulas e reuniões ministeriais, especialmente a partir de 2014. Neste contexto, foram apresentadas duas iniciativas com o objetivo de promover a excelência: a *Liga de Universidades do BRICS* e a *BRICS NU*.

A *Liga de Universidade do BRICS* é uma iniciativa concebida pela China com vistas a promover integração e maior mobilidade entre discentes e docentes dos países do Grupo. Contudo, apesar de o seu lançamento ter ocorrido em 2013, os documentos de fundação da *Liga* ainda não foram elaborados. Não obstante, há, desde então, discussões sobre o Programa no âmbito das cúpulas e reuniões ministeriais.

De acordo com o relatório do evento *BRICS Global University Summit*, realizado na Rússia, em 2015 (Khomiyakov et al., 2015), a *Liga* é apresentada como uma organização independente. Já o

Programa *BRICS NU* é de iniciativa russa, formalizado no mês de novembro de 2015 pelos ministros da Educação dos cinco países do grupo, em reunião realizada em Moscou, como está evidenciado no documento *Memorandum of understanding on establishment of the BRICS network university* (BRICS, 2015a).

De acordo com o referido Memorando, a *BRICS NU* é um projeto educacional que visa desenvolver, preferencialmente e no curto prazo, formação e investigação bilateral/multilateral por meio de programas de PG conjuntos em vários campos do conhecimento. Nesse sentido, as universidades-membros devem atuar de acordo com normas e critérios de qualidade comuns.

De acordo com o *Memorando*, as principais atividades no âmbito do *BRICS NU* estão concentradas na formação em nível de PG e de cursos modulares; no desenvolvimento de projetos de pesquisa conjunta; no apoio à atividade inovadora dentro dos quadros de programas educacionais; e na organização da mobilidade do corpo docente e discente. De acordo com o relatório *BRICS Global University Summit* (BRICS, 2015b), é crescente a discussão entre os membros do BRICS sobre a necessidade de colaboração entre as universidades do Grupo em áreas como educação e pesquisa, o que indicaria o consenso acerca da expressividade da cooperação mutuamente benéfica entre universidades e pesquisadores.

Ainda de acordo com este relatório, a *BRICS NU*, na qualidade de rede de educação, pesquisa e inovação, será capaz de aumentar a reputação de seus centros de educação e pesquisa, para, no longo prazo, alcançar uma posição de destaque na comunidade acadêmica mundial. O relatório expressa otimismo em relação aos polos acadêmicos emergentes em todo o mundo, incluindo o BRICS como parte deste movimento⁶.

Apesar de o Programa ter sido lançado em 2015, com a publicação do *Memorando de Entendimento para a criação da BRICS NU* (BRICS, 2015a), somente nos anos subsequentes (2016 e 2017) um conjunto de documentos foi elaborado visando à regulamentação efetiva do Programa.

Em termos de certificação, um certificado especial da *BRICS NU* deve ser emitido juntamente com o diploma universitário. Os programas de dois diplomas das universidades que tenham uma cooperação mais estreita podem aparecer dentro do sistema da rede. Outro suporte para as principais atividades previsto pelo Programa são as escolas de verão e inverno, festivais, competições etc.

No que se refere à implementação do Programa, a responsabilidade por determinar a lista dos projetos e Programas de PG (PPG) participantes cabe aos Ministérios da Educação de cada país, considerando um número de projetos pré-estabelecido pelo Grupo.

Segundo Ristoff (2016, p. 98):

A Universidade em Rede dos BRICS é considerada pelos países do BRICS como um esforço que objetiva o desenvolvimento conjunto de programas essenciais e estratégicos de ensino, projetos de pesquisa e de trabalho colaborativo por professores e cientistas da mais alta qualidade para o benefício das economias dos estados membros.

⁶ É preciso considerar ainda que a cooperação em pesquisa e educação entre os países do BRICS é acompanhada pela colaboração econômica e o lançamento de projetos de infraestrutura como o Novo Banco de Desenvolvimento, o qual financia projetos no setor.

No Brasil, foi composta uma comissão para seleção das universidades e implementação do Programa. Neste contexto, foi lançado o Edital n. 03/2015 (BRICS; CAPES, 2015), o qual teve como objetivo selecionar PPGs de excelência para compor a *BRICS NU* nas seguintes áreas definidas como prioritárias: Energia; Ciência da computação e segurança da informação; Estudos do BRICS, em cursos de Relações Internacionais, Ciência Política ou Ciências Sociais; Ecologia e mudanças climáticas; Economia; Recursos hídricos e tratamento da poluição.

As prioridades dos campos de conhecimento correspondem às prioridades e principais áreas de cooperação entre os países membros do BRICS, conforme consta do art. 3º do *Memorandum of understanding on establishment of the BRICS Network University* (BRICS, 2015a).

Os requisitos para participar da seleção estiveram pautados pela avaliação da excelência a partir do modelo Capes e na responsabilização das instituições para o desenvolvimento das propostas. São requisitos apontados no edital:

- 1) Propostas vinculadas a IES, públicas e privadas, que possuam PPGs recomendados pela Capes, com nota igual ou superior a 6 (seis), relacionados às áreas temáticas;
- 2) A IES proponente indicará um coordenador exclusivo e o respectivo suplente para desenvolver as atividades;
- 3) Para as propostas envolvendo mais de uma instituição proponente, as instituições associadas deverão cumprir os mesmos requisitos exigidos pelo edital para desenvolvimento da proposta;
- 4) As disciplinas do programa devem ser oferecidas na língua inglesa.

Considerando os resultados do edital, foram selecionados 12 PPGs de ‘excelência’ (notas 6 e 7, de acordo com o sistema de avaliação da Capes) de oito universidades e um Instituto de Pesquisa, como está explicitado no *Resultado do Edital n. 03/2015 – BRICS* (BRICS, 2015d).

No Quadro a seguir, identificamos as instituições e os PPGs selecionados:

Quadro 1 - Universidades e PPGs selecionados para o *BRICS NU*

IES	PPGs selecionados
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Ciências da Computação, Economia, Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	Ciência Econômica e Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Computação
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Engenharia Civil
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Engenharia Agrícola
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Engenharia Mecânica
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)	Relações Internacionais
Universidade Federal Fluminense (UFF)	Geoquímica
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa)	Biologia (Ecologia)

Fonte: Elaborado pelos autores (2018) com base em BRICS/Capes (2015).

Também foi lançado o edital CNPq/MCTIC/BRICS para financiamento de projetos conjuntos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P&D&I) no âmbito da cooperação CNPq-BRICS (BRASIL/BRICS, 2016), o que indica a ampliação de relações no âmbito da ES nos países do grupo. O edital é exclusivo para algumas áreas temáticas, que, como podemos perceber no Quadro 2, coincidem, em parte, com as áreas temáticas do Edital de Chamada da *Universidade em Rede do BRICS*.

Quadro 2– Áreas estratégicas em editais do BRICS⁷

Editais de chamada para a universidade em rede do BRICS (Capes/BRICS)	Chamada CNPq/MCT/BRICS
Recursos hídricos e tratamento da poluição	Recursos hídricos e tratamento da poluição
Estudos do BRICS, em cursos de Relações Internacionais, Ciência Política ou Ciências Sociais	Tecnologia geoespacial e suas aplicações
Energia	Energias novas e renováveis e eficiência energética
Ecologia e mudanças climáticas	Ciência e tecnologia oceânica e polar
Ciência da computação e segurança da informação	Tecnologias de informação e computação de alta performance
Economia	Biotecnologia e biomedicina incluindo saúde humana e neurociências

Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar desta iniciativa complementar lançada pelo Brasil, percebemos que os Programas em matéria de educação superior do BRICS – *Liga das Universidades do BRICS* e *BRICS NU*–, foram idealizados por países que realizam iniciativas de promoção de universidades de excelência e que, efetivamente, estão competindo para alcançar as primeiras colocações nos *rankings* internacionais. Ou seja: China e Rússia.

A China foi um dos primeiros países a interessar-se pela criação de Universidades de Excelência ou de Classe Mundial. Em 1998, o *Projeto 985*, gerido pelo governo, tinha como objetivo estimular as nove universidades mais destacadas no cenário do país a competirem internacionalmente. Inclusive o termo UCM foi cunhado pela primeira vez no projeto chinês (Nóbrega, 2015). Para além das iniciativas de excelência é importante frisar que o primeiro *ranking* mundial da ES foi produzido pela China, com o objetivo de comparar as suas universidades às norte-americanas, o que demonstra claramente a intenção de promover ‘universidades de elite’.

Mais recentemente, a Rússia também inaugurou um desses *rankings* internacionais - o *Moscow International University Rankings* -, o que demonstra a preocupação dos países do BRICS não apenas

⁷Aparecem em destaque as áreas que coincidem ou aproximam-se.

em compor os primeiros lugares destas listas, mas também em ‘elaborar’ parâmetros de excelência acadêmica e científica a serem difundidos mundialmente. Além disso, a Rússia também lançou, em 2015, o Projeto 5-100, que tem como objetivo alavancar as posições de cinco universidades russas nos *rankings* acadêmicos mundiais.

No relatório da Unesco (2014), entre outras recomendações deste Organismo Internacional (OI) para o BRICS, aparecem: o compromisso com a melhoria da governança e do financiamento da educação; a concepção e implementação de marcos nacionais de qualificação e de avaliações de desempenho dos estudantes; a melhora da qualidade dos dados educacionais; a gestão da expansão do ES; e a promoção da mobilidade de estudantes do ES, em particular entre os próprios países do BRICS.

Tendo essas questões em consideração, nos subitens a seguir apresentamos os eixos que evidenciam o Programa *BRICS NU* como uma ‘iniciativa de excelência’, com vistas ao status de ‘Classe Mundial’.

Expansão e Diferenciação da ES nos países do BRICS

A emergência de Iniciativas de Excelência ocorre em países que já passaram por um processo de expansão da ES. Nesse sentido, apesar das significativas diferenças entre a trajetória histórica de formação dos sistemas de ES nos países que atualmente compõem o BRICS, uma constante comum a todos é a expansão desse grau de ensino.

De acordo com dados da Unesco (2015), com exceção da Rússia, as matrículas dos outros três países, somadas, cresceram 226% em 10 anos. Ou seja, passaram de 16,5 milhões em 1999 para 54 milhões em 2009 (Unesco, 2015). O maior aumento ocorreu na China, onde a matrícula cresceu 382%, ao passo que no Brasil esse acréscimo chegou a 177%; e na Índia, a 170%. As matrículas globais, neste mesmo período, passaram de 94,5 milhões para 164,5 milhões, registrando um aumento de 74%. Desse modo, destaca-se que a expansão das matrículas nos países do Grupo foi aproximadamente três vezes maior (226%) do que a média mundial (74%).

Paralelamente à expansão das matrículas nesses países, Carnoy *et al.* (2016) entendem que uma mudança fundamental ocorreu na ES do BRICS a partir da década de 1990, qual seja, a crescente diferenciação entre as universidades de massa, que absorvem a maioria dos estudantes do BRICS, e as universidades de elite ou de classe mundial, sobretudo na China e na Rússia, que estão promovendo iniciativas significativas neste sentido.

A China já organizou três projetos com o objetivo de alcançar o *status* internacional (Projetos 985, 211 e 2011), os quais se deram a partir da concentração de recursos em um determinado número de universidades. Atualmente, o país lançou uma nova etapa de sua campanha de universidade de nível internacional. Zha, Shi e Wang (2015) enfatizam que não há nenhum outro sistema com uma agenda nacional tão ambiciosa para o desenvolvimento acadêmico e a competitividade, especialmente ao longo de um período tão prolongado. De acordo com os autores, em outubro de 2015, o Conselho de Estado da China publicou oficialmente um projeto que especifica os detalhes sobre a ambição do país por universidades de nível internacional. Entre outras frentes, este documento visa superar os limites que fragmentam os regimes de ‘excelência’ existentes e consolidar recursos para impulsionar esse esforço.

Na Rússia, foi implantado, em 2015, o *Projeto 5-100*, que tem como objetivo promover a ‘educação russa de classe mundial’ a partir da maximização da posição competitiva de um grupo formado pelas principais universidades do país no ‘mercado global de pesquisa e educação’. O Projeto visa fazer com que cinco universidades estejam classificadas entre as cem melhores do mundo até 2020, tendo como medida as classificações nos principais *rankings* internacionais.

Desse modo, de acordo com Carnoy *et al.* (2016, p. 8),

[...] a distância acadêmica entre os dois tipos de IES está crescendo não apenas em termos de recursos públicos e privados por alunos, mas possivelmente na qualidade dos cursos, nas expectativas dos alunos, e nas oportunidades no mercado de trabalho para alunos egressos das instituições cada vez mais diferenciadas.

Os autores ainda argumentam que esta tendência de intensificação diferenciadora é resultado das políticas governamentais dos países do BRICS, em uma tentativa de fortalecer a pesquisa e os quadros de elite em algumas IES, enquanto satisfazem a demanda de expansão a um custo mais baixo e de menor qualidade.

De acordo com Schwartzman (2015, p. 275):

A maioria deles [países do BRICS], com exceção do Brasil, lida com o crescimento por meio da diversificação formal de suas instituições, selecionando algumas para receber apoio adicional e atingir padrões de nível internacional, fazendo com que as outras sobrevivam com menos recursos públicos ou saiam para o mercado em busca de recursos; outro aspecto geral é a permissão da expansão de instituições de ensino superior privadas.

Apesar de o fenômeno da diferenciação/diversificação institucional ter ocorrido com maior ou menor intensidade ao longo das últimas décadas nos países que compõem o BRICS, a criação do Programa *BRICS NU* expressa a consolidação de determinado modelo de sistema de ES, pautado pela diferenciação. Esse modelo destina-se a promover a cooperação e o avanço científico em áreas estratégicas a partir da integração entre programas de PG de excelência.

Mobilidade Internacional no BRICS: um entrave para a ‘excelência’

O incentivo à mobilidade acadêmica, expresso pelo Programa *BRICS NU*, está em consonância com a estratégia geopolítica do grupo, que busca promover a excelência acadêmica e também organizar um mercado de mobilidade internacional entre os países membros, como se pode observar nas recomendações do Relatório da Unesco (2014, p. 69):

Recomendação 5: Facilitar a mobilidade de estudantes e de profissionais da educação, em particular entre os BRICS. [...] Um primeiro passo de ordem prática seria intensificar o intercâmbio de estudantes, professores e formadores, por meio da criação de redes de universidades e instituições de formação dos BRICS. (destaque nosso.)

Como a maioria das universidades consideradas de classe mundial está situada nos EUA e no Reino Unido, a mobilidade para essas localidades é expressiva. Desse modo, os países do BRICS encaminharam e continuam encaminhando um fluxo constante e significativo de estudantes para a UE, para países do mesmo continente ou para nações de língua inglesa.

De acordo com o relatório da Unesco sobre o BRICS (Unesco, 2014), o crescimento do número de estudantes que buscam a graduação no exterior dobrou entre 2000 e 2011, sendo a China e a Índia os países que enviaram o maior número de estudantes para o exterior. No mesmo sentido, o Brasil e a Rússia também apresentaram números significativos.

De acordo com dados da Unesco (2014), os países do BRICS são destinos cada vez mais atraentes para estudantes internacionais, dentre os quais se destacam a Rússia e a China, superando os demais países da OCDE, responsáveis, respectivamente, por 4% e 2% dos estudantes internacionais.

Contudo, um dos motivos pelos quais foi criado a *BRICS NU* é o fato de a mobilidade entre os países do Grupo ainda ser incipiente.

No Quadro 3, é possível visualizar comparativamente os dados de mobilidade estudantil dos países do BRICS:

Quadro 3 – Mobilidade estudantil internacional do BRICS

Destino	Número de estudantes fora do país de origem				
	Brasil	China	Índia	Rússia	África do Sul
	30.729	694.385	189.472	51.171	6.378
1º país de destino	EUA 8.745	EUA 210.452	EUA 97.120	Alemanha 10.007	EUA 1.559
2º país de destino	Portugal 5.172	Japão 96.592	Reino Unido 29.713	EUA 4.654	Reino Unido 1.339
3º país de destino	França 04.039	Austrália 87.497	Austrália 11.684	França 4.300	Austrália 787
Estudantes abrigados	14.432	88.979	31.475	173.627	70.428
1º país de origem	Angola 1.552	-	Nepal 5.481	Belarus 31.199	Zimbábue 23.273
2º país de origem	Guiné-Bissau 825	-	Butão 2.274	Cazaquistão 29.865	Namíbia 6.821
3º país de origem	Argentina 772	-	Irã 2.131	Ucrânia 12.805	Lesoto 4.047
Brasil	-	316	16	36	145
China	-	-	-	-	-
Índia	4	682	-	18	109
Rússia	200	9.842	3.351	-	3
África do sul	52	465	411	62	-

Fonte: Adaptado de Unesco (2014).

Apesar de os países do BRICS apresentarem semelhanças nas áreas de concentração das publicações científicas, apenas 1,5% do total da produção científica do BRICS envolve um segundo país do Grupo.

Em contraste, há níveis mais elevados de publicações em colaboração entre os países do BRICS e os EUA. Essas distinções refletem os interesses que unem os cientistas de cada par de países. A UE é outro foco nodal de *expertise*, já que as copublicações entre este Bloco e o BRICS estão concentradas na África do Sul (25%), seguida de Rússia (20%), China (18,6%), Brasil (13,6%) e Índia (11%) (Fernandes; Garcia; Cruz, 2015).

A falta de integração em termos de mobilidade e produção científica entre os países do Grupo é consequência da sua formação recente, da ausência de um histórico de integração entre os países, da distância geográfica, das diferenças linguísticas e culturais, dentre outros fatores.

A criação da *BRICS NU* está inserida justamente nesse contexto de baixa interação, como iniciativa para promover a mobilidade e a cooperação. Na *Declaração de Brasília* (BRICS, 2015b), afirma-se o seguinte:

8 - Consideramos o ensino superior e a pesquisa prioridades. Tendo os membros do BRICS intensificado seus processos de internacionalização do ensino superior e mobilidade acadêmica, damos ênfase especial à mobilidade na pós-graduação, pela sua capacidade de estabelecer redes de pesquisadores e desenvolver projetos conjuntos nas áreas de interesse mútuo.

Na *Declaração de Nova Deli* (BRICS, 2016), permanece em evidência a necessidade de criar mecanismos que facilitem a mobilidade acadêmica, tais como: a) o compartilhamento de informações sobre os sistemas; b) a constituição de um grupo de especialistas para trabalhar um quadro de reconhecimento mútuo das qualificações no BRICS; c) facilitar a mobilidade e encorajar o intercâmbio de professores de ensino; d) desenvolver um quadro habilitador para promover a cooperação em pesquisa e a transferência de conhecimento entre os países do BRICS, em colaboração com outras iniciativas do Grupo.

Tendo-se em conta o exposto, percebe-se que o Programa *BRICS NU* está centrado na promoção da mobilidade acadêmica, ainda que atrelado a um conjunto de outras questões. Esta parece ser a primeira iniciativa expressiva do Grupo com vistas a promover a interação entre os países no âmbito acadêmico, bem como buscar excelência em áreas específicas, alavancando os PPGs de algumas IES.

Pesquisa, inovação e transferência de tecnologia

Kahn (2015) afirma que a ciência tem sido um forte componente da agenda de modernização do BRICS, apesar das expressivas diferenças entre as tradições universitárias de cada um dos países. Justamente por este fato, os países encontram maiores dificuldades de alinhamento com as propostas e os programas.

No estudo comparado desenvolvido pelo Projeto BRICS (Lastres, 2007), os pontos básicos dos sistemas nacionais de inovação do Grupo incluíam:

Rússia: forte posição em educação superior, com poderoso sistema científico particularmente dedicado a atividades espaciais e relacionadas à defesa; gastos em P&D se expandindo.

Índia: sistema científico em expansão; P&D industrial relativamente modesto; recursos humanos de alta qualidade e capacitações produtivas em tecnologias da informação.

África do Sul: crescente esforço em educação superior; atividades relacionadas à inovação e de P&D modestas; infraestrutura científica limitada; capacitações produtivas nas atividades de extração mineral.

China: esforço considerável em mobilizar o sistema nacional de educação e de inovação; acúmulo de capacitações produtivas e relacionadas à inovação e atividades de P&D crescendo a taxas elevadas com ênfase nos setores *hi-tech*.

Brasil: sistema científico crescentemente ampliado/qualificado; atividades de P&D desiguais com sucessos nas áreas aeroespacial, energia, mineração, metalurgia e agronegócios; fragilização e desarticulação de alguns sistemas de inovação nos anos 1990.

É ainda importante considerar que nos relatórios publicados pelo BRICS *Policy Brief* (Cruz; Willemsens, 2013) e pela Unesco (2015) demonstra-se que os países do BRICS têm investido mais em educação e P&D ao longo da década de 2000, apesar de apresentarem um quadro contrastante em termos de forma, fontes e direcionamento de investimento.

O *Relatório da Ciência* (Unesco, 2015) indica o crescimento dos prêmios de patentes dos países do BRICS, o que se deve especialmente à China. De acordo com Fernandes, Garcia e Cruz (2015), há uma expressiva discrepância entre este país e os demais membros do BRICS, como se percebe no Quadro 4, a seguir:

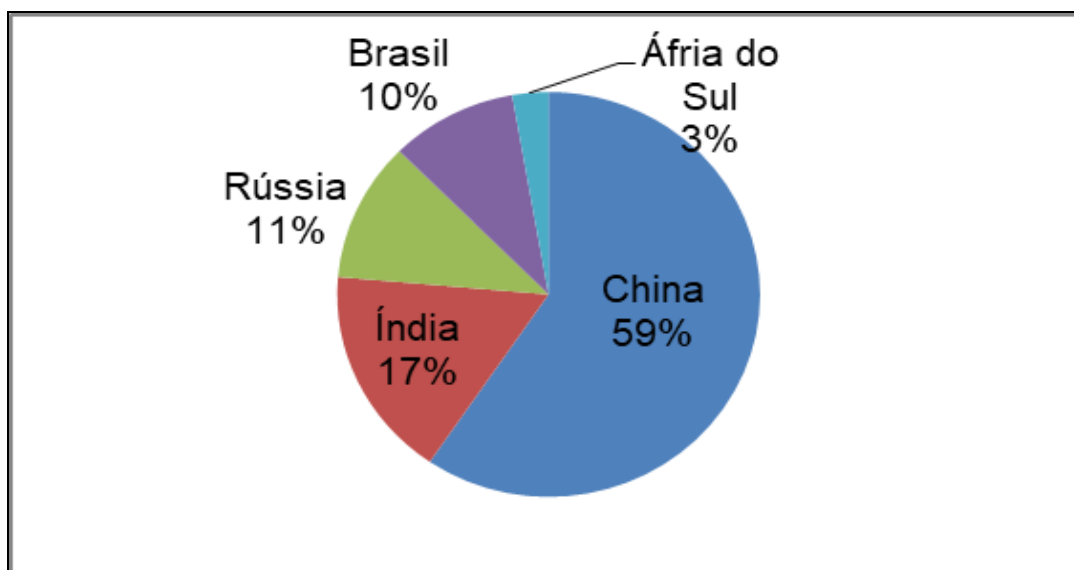
Quadro 4 – Comparação do crescimento de patentes nos países do BRICS

Países do BRICS	Patentes 2004-2008	Patentes 2009-2013	Crescimento (%)
Brasil	108	189	74,60
China	261	3.610	1.285,30
Índia	253	1.425	74,60
Rússia	198	303	53,10
África do sul	111	127	14,20

Fonte: Unesco (2015).

No Gráfico 1, podemos verificar a produção científica (número de publicações) dos países do BRICS em 2016:

Gráfico 1 – Produção científica nos países do BRICS – 2016



Fonte: Elaborado a partir de dados do *SCImago Journal & Country Rank* (2016).

Com relação às áreas de publicação, existem algumas diferenças marcantes. Por exemplo: a Rússia possui forte especialização em física, astronomia, geociências, matemática e química, enquanto a China revela um padrão equilibrado, e o Brasil tem como pontos fortes a agricultura e as ciências da vida.

De forma geral, compreende-se que a definição de áreas da *BRICS NU* e o seu alinhamento a outras iniciativas do Grupo podem ser considerados estratégias para promover a produção de conhecimento e inovação direcionada e em cooperação, visando maior eficiência no processo de transferência de tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito dos limites que se interpõem à análise de uma iniciativa há pouco lançada, compreende-se que as orientações da *BRICS NU* demonstram estar articuladas à perspectiva de excelência acadêmica/UCM, fundamentada na centralidade da pesquisa no âmbito da PG, na promoção da mobilidade acadêmica e de políticas para atração de talentos em áreas estratégicas, bem como na interação com o setor produtivo, com ênfase na inovação, mediante forte relação com o setor industrial, em uma dinâmica de gestão via editais e áreas temáticas que têm como objetivo criar e fortalecer redes. Ademais, cabe salientar que a própria regulamentação do Grupo para a ES alimenta uma nova frente de mercado por meio da mobilidade acadêmica e demais formas de cooperação.

Não obstante os avanços que, na contradição, iniciativas deste tipo podem promover, como a interação com outras culturas, a cooperação com outros países e o desenvolvimento de tecnologias importantes para a sociedade, a *BRICS NU* também reforça a tendência de aprofundamento da diferenciação da educação superior, na medida em que apenas alguns programas de PG, em algumas áreas, podem candidatar-se aos editais. Sendo assim, por ora, ressalta-se que não aparece neste

programa a discussão do caráter autônomo da ciência e da própria universidade como espaço de produção científica e de formação humana.

Por fim, é importante destacar que a iniciativa do BRICS caminha a passos lentos, em termos de organização e materialização da proposta. Considerando-se os países do Grupo em separado, China e Rússia estão empenhando mais esforços e recursos em programas nacionais que buscam promover a excelência de algumas instituições, e ambos propuseram *rankings* internacionais da educação superior.

A participação do Brasil no BRICS, mais especificamente na *BRICS NU*, passou a ter, de forma geral, um tom mais ‘representativo’ do que efetivo desde o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, quando a presidência passou a Michel Temer (2016-2018). Durante este primeiro semestre de governo Bolsonaro (2019 - atual), percebe-se que a lógica de ‘fingir que participa’ impera, já que o desejo de articulação com os Estados Unidos é uma máxima deste governo. No caso da participação do Brasil na *BRICS NU*, o projeto não encontrou eco e financiamento, apesar dos editais e seleções realizadas. Diante da atual tentativa de desqualificação e desmonte da universidade pública, é possível supor que a participação do Brasil na Rede de Universidades do BRICS não deve efetivar-se. Ou, no máximo, efetivar-se de forma marginal.

REFERÊNCIAS

ALTBACH. P; SALMI, J. 2011. *El camino hacia la excelencia académica: la constitución de Universidades de Investigación de Rango Mundial*. Washington, BM.

BRICS. 2015a. *Memorandum of understanding on establishment of the BRICS network university*. Moscow: [s. n.]. Disponível em: <https://bit.ly/2ylBPUf>. Acesso em: 10/05/2016.

BRICS. 2015b. *Declaração de Brasília*. Brasília, MEC. Disponível em: <https://bit.ly/2YafYi5>. Acesso em: 10/05/2016.

BRICS. 2015c. *Memorando de Entendimento Ciência e Tecnologia*. Itamaraty, Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/2F542Tq>. Acesso em: 10/08/2017.

BRICS. 2015d. *II Reunião de Ministros da Educação do BRICS – Brasília*. Itamaraty, Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/2F542Tq>. Acesso em: 10/08/2017.

BRICS. 2015e. *III Reunião de Ministros da Educação do BRICS – Moscou*. Itamaraty, Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/2F542Tq>. Acesso em: 10/08/2017.

BRICS. 2016. *IV Reunião de Ministros da Educação do BRICS – Nova Délhi*. Itamaraty, Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/2F542Tq>. Acesso em: 10/08/2017.

BRICS. 2017. *Beijing Declaration of Education*. Zhengzhou, China. BRICS Network university, [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2YrLQK9>. Acesso em: 10/08/2017.

BRICS; BRASIL. 2015. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Edital n. 03/2015 de seleção de programas de pós-graduação de instituições de ensino superior brasileiras para a Universidade em Rede do BRICS – BRICS*. Brasília, DF: [s. n.]. Disponível em: <https://bit.ly/2SbAaJL>. Acesso em: 10/11/ 2016.

BRICS; BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Chamada n. 18/2016*. 2016. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://bit.ly/2EVYIWG>. Acesso em: 10/12/ 2016.

CARNOY, M. *et al.* 2016. *Expansão das universidades em uma economia global em mudança: um triunfo do BRIC?* Brasília, Capes.

CRUZ, P.; WILLEMSSENS, C. 2013. *Ciência, Tecnologia e Inovação nas Cúpulas dos BRICS, de 2009 até hoje*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bit.ly/2u0ddhQ>. Acesso em: 15/09/2017.

FERNANDES, L.; GARCIA, A.; CRUZ, O. 2015. Desenvolvimento desigual na era do conhecimento: a participação do BRICS na produção científica e tecnológica mundial. *Contexto Internacional*, **37**(1): 215-253. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292015000100007>

FONTES, V. 2015. BRICS e capital-imperialismo: novas contradições em debate. *Tensões Mundiais*, **10**(18-19): 67-90. Disponível em: <https://bit.ly/2GBnszM>. Acesso em: 20/11/2018. DOI: <https://doi.org/10.33956/tensoesmundiais.v10i18,19.472>

FRIGOTTO, G. 1991. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: I. FAZENDA (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo, Cortez, p. 69-90.

JESUS, D. S. V. 2013. De Nova York a Durban: o processo de institucionalização do BRICS. *OIKOS*, **12**(1): 32-62. Disponível em: <https://bit.ly/2YrGxub>. Acesso em: 20/11/2018.

KAHN, M. 2015. A cooperação dos BRICS na ciência, tecnologia e inovação: retórica e realidades. *Contexto Internacional*, **37**(1): 185-213. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292015000100006>.

LASTRES, H. M. M *et al.* 2007. *Projeto BRICS*. Estudo comparativo dos sistemas de inovação no Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Rio de Janeiro, UFRJ. Disponível em: <https://bit.ly/2CjyGXq>. Acesso em: 10/08/2017.

NÓBREGA, R. N. 2015. *Migração de estudantes universitários entre os países do BRICS: ensino superior e expansão econômica*. Brasília, GO. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília, 70 f.

OCDE. 2014. *Promoting research excellence: new approaches to funding*. Paris, OECD.

RISTOFF, D. 2016. Democratização do *campus*: impacto dos programas de inclusão sobre o perfil da graduação. *Cadernos do GEA*, **9**, 62p.

SALMI, J. 2009. *El desafío de crear universidades de rango mundial*. Colômbia, Mayol.

SCHWARTZMAN, S. E. 2015. Demandas e políticas públicas para o ensino superior nos BRICS. *Caderno C R H*, **28**(74): 267-289. DOI: [10.1590/S0103-49792015000200003](https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000200003)

SCIMAGO JOURNAL; COUNTRY RANK. Banco de dados. Disponível em: <http://www.scimagojr.com/>. Acesso em: 4 dez. 2016.

UNESCO. 2014. *BRICS: construir a educação para o futuro*. Tradução: Maria Angélica B. Alves da Silva. Brasília, Unesco.

UNESCO. Setor de ciências na representação da Unesco no Brasil. 2015. *Relatório de ciência da Unesco Rumo a 2030*. Visão geral e cenário brasileiro. Tradução: Patrícia Ozório. Brasília, Unesco.

ZHA, Q.; SHI, J.; WANG, X. 2015. Há um modelo chinês de universidade? *Ensino Superior*, não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/2CD50ps>. Acesso em: 20/11/2018.

Submetido em 27/08/2018

Aceito em 05/08/2019